
Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXIV)

Ulrich Huar

Capítulo II

«...Pode e deve destruir-se o Estado hitleriano»

A 6 de Novembro, 14 dias antes da ofensiva do exército soviético na frente de Stalingrado, Stáline apresentou o tradicional relatório sobre os 25 anos da Grande Revolução Socialista de Outubro.¹ Nesta altura, só um círculo muito pequeno do comando do QG, do Alto Comando e do *Politburo* tinha conhecimento das preparações para a ofensiva. O sigilo mantido sobre a disponibilização de poderosas reservas, o seu armamento e outro equipamento técnico tinha deixado amigos e inimigos na incerteza. Mesmo os comandantes-em-chefe da frente, que tinham de executar a operação, só sabiam o necessário para cumprir com a sua tarefa. Conheciam naturalmente os objectivos tácticos a ser atingidos na sua frente, mas estavam obrigados a guardar sigilo. O relatório teve sobretudo um carácter político e não foi além da descrição do decurso dos acontecimentos militares já conhecidos.

No Verão, «*o objectivo principal da ofensiva alemã consistiu em contornar Moscovo pelo lado Leste (...) O avanço dos alemães a Sul e na direcção das regiões petrolíferas teve como objectivo secundário, não tanto a ocupação das regiões petrolíferas, mas sobretudo forçar o grosso das nossas reservas a deslocar-se para Sul, enfraquecendo a frente de Moscovo, para facilitar uma vitória no ataque a Moscovo. Assim se explica que o grupo principal das tropas alemãs se encontre agora não a Sul, mas sim na região de Oriol e Stalingrado*». «*O objectivo principal da ofensiva de Verão alemã consistiu em cercar Moscovo e terminar a guerra neste ano.*»²

Podemos supor que estas observações de Stáline faziam parte das manobras de diversão do QG para manter em segredo a verdadeira direcção do ataque na frente do Don, na frente do Sudoeste e na frente de Stalingrado. A referência de Stáline de que o adversário tencionava «*forçar o grosso das nossas reservas a deslocar-se para Sul, enfraquecendo a frente de Moscovo*», parece indicá-lo.³

¹ SW 14/279-292.

² Idem, ibidem, p. 283.

³ Sobre o sigilo da preparação da contra-ofensiva soviética e as manobras de diversão perante o adversário ver *História da II Guerra Mundial*, Tomo 6, pp. 43-48.

Com toda a clareza, Stáline sublinha que «*a razão principal*» dos sucessos tácticos dos alemães a Sul foi «*a inexistência de uma segunda frente na Europa*». Isto deu-lhes a possibilidade de «*realizar esta operação sem correr qualquer risco*». Poderam «*lançar todas as reservas na nossa frente e alcançar uma grande superioridade no sector sudoeste.*»

Na sua argumentação sobre a segunda frente, Stáline apresenta comparações históricas a respeito da relação de forças na I e na II Guerra Mundial. «*Em vez das 127 divisões da I Guerra Mundial temos agora contra a nossa frente não menos de 240 divisões e em vez das 85 divisões alemãs temos agora 179 divisões alemãs que combatem o Exército Vermelho.*»⁴ (As divisões não alemãs eram dos aliados da Alemanha, como a Roménia e Hungria, entre outros, UH)

As explanações sobre as consequências da inexistência de uma segunda frente assim como as analogias históricas tinham também uma natureza diplomática: eram dirigidas aos parceiros anglo-americanos da coligação. No entanto, Stáline manifesta-se convencido de que, mais cedo ou mais tarde, a segunda frente seria aberta, não só porque «*nós precisamos dela, mas antes de mais porque os nossos aliados precisam dela tanto como nós.*»⁵

Segue-se uma comparação dos objectivos da coligação italo-germânica com o programa de acção da coligação anglo-soviético-americana. A primeira caracteriza-se pelo ódio racista, pelo domínio das nações «*eleitas*», procura atingir o objectivo de escravizar as outras nações, destruir as liberdades democráticas, instaurar o regime hitleriano em toda a parte.

Stáline não podia, nesta altura, conhecer o «*monólogo*» de Hitler, de 26 de Agosto de 1942, no qual afirma que pretende «*alcançar a hegemonia total.*»⁶ Além de Hitler, outros dirigentes do regime fascista referiram várias vezes este objectivo de guerra do imperialismo alemão. Refira-se aqui somente os artigos de Goebbels na revista semanal das SS *Das Reich* e a artigos correspondentes no *Völkischen Beobachter*, o órgão central do NSDAP.⁷

Em contraponto a estes objectivos, o programa de acção da coligação anglo-soviético-americana previa a eliminação da exclusividade da raça, a igualdade de direitos das nações, a libertação das nações subjugadas, o «*direito de cada nação se organizar segundo a sua vontade*», ajuda económica às nações lesadas, o restabelecimento das liberdades democráticas, a destruição do regime hitleriano.⁸ A coligação anglo-soviético-americana era superior à coligação fascista no que dizia respeito à relação de forças em recursos humanos e materiais. Todavia era composta por «*elementos heterogéneos*», que não tinham «*a mesma ideologia*». Negar isto «*seria ridículo*». Mas essa circunstância «*não exclui a possibilidade e a utilidade de uma actuação conjunta dos membros desta coligação contra o inimigo comum.*»⁹

A prová-lo estava o acordo assinado entre a União Soviética e a Grã-Bretanha, em 26 de Maio de 1942, sobre «*a aliança na guerra contra a Alemanha hitleriana e os seus cúmplices na Europa e sobre a cooperação e ajuda mútua depois da guerra*»,

⁴ SW 14/286.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 287.

⁶ Hitler, *Monólogos...*/*ibidem*, p. 342.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ SW 14/287.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 289.

assim como o «*acordo sobre os princípios da ajuda mútua na condução da guerra contra a agressão*», assinado pela URSS e pelos EUA em Junho de 1942.

Estas observações sobre as relações entre os membros da coligação anglo-soviético-americana tinham sobretudo um carácter diplomático e visavam já o período do pós-guerra, no qual Stáline desejava que prevalecessem as relações pacíficas e reciprocamente vantajosas entre as três potências. Sabemos **hoje** que os governos do pós-guerra nos EUA e na Grã-Bretanha romperam, não só por razões ideológicas, os acordos da coligação anti-hitleriana para o pós-guerra. Em Novembro de 1942, isso ainda não era previsível. Contudo, Stáline não tinha tido ilusões sobre os seus parceiros de coligação. Assinaláveis e de importância histórica são as suas observações sobre os objectivos da União Soviética perante a Alemanha, numa altura em que ainda nada estava decidido na frente germano-soviética.

A União Soviética não tinha a tarefa «*de destruir a Alemanha*». Isso era impossível. Mas podia e devia «*destruir o Estado hitleriano*». Da mesma forma não tinha a tarefa «*de destruir toda a força militar organizada na Alemanha*». Isso não só seria impossível, como também «*desaconselhável do ponto de vista do vencedor. Mas pode-se e deve-se destruir o exército hitleriano.*»¹⁰

Isto não eram só palavras. O acordo sobre a formação do «*Comité Nacional da Alemanha Livre*» (CNAL), a 12/13 de Julho de 1943, em Krasnogorsk, o telegrama de felicitações pela fundação da República Democrática Alemã, a 7 de Outubro de 1949, assim como a «*Nota de Stáline*», de 10 de Março de 1952, sobre a criação de uma Alemanha unificada, democrática e pacífica atestam a seriedade das suas afirmações em Novembro de 1942.

No final do relatório segue-se uma enumeração dos crimes sem precedentes dos fascistas, que são aqui citados integralmente já que, da parte interessada, estes crimes são desvalorizados ou até mesmo negados. Recorde-se tão só as indignas actividades de forças conservadoras e neonazis contra a exposição «*Crimes da Wehrmacht*».¹¹

«*Os bandidos hitlerianos fizeram sua a regra de torturar os prisioneiros de guerra soviéticos, assassiná-los às centenas, deixar dolorosamente morrer à fome milhares deles. Violaram e assassinaram a população civil das zonas ocupadas do nosso país, homens e mulheres, crianças e velhos, os nossos irmãos e irmãs. Tinham como objectivo escravizar e exterminar a população da Ucrânia, da Bielorrússia, do Báltico, da Moldávia, da Crimeia e do Cáucaso. Só patifes e bandidos, cuja honra desceu ao nível animalesco, podem permitir-se tais atrocidades sem sentimentos de*

¹⁰ Idem, *ibidem*, p- 291.

¹¹ Trata-se de duas exposições itinerantes do *Hamburger Institut für Sozialforschung* (Instituto de Investigação Social de Hamburgo) apresentadas de 1995 a 1999 e de 2001 a 2004. A primeira tinha o título «*Guerra de Extermínio. Crimes da Wehrmacht 1941-1944*», a segunda «*Crimes da Wehrmacht. Dimensões da Guerra de Extermínio 1941-1944*». Através delas foram divulgados, junto de um amplo público, os crimes da *Wehrmacht* durante o nazismo, principalmente na guerra contra a União Soviética, o que provocou grande controvérsia. Em Munique, por exemplo, foram publicados grandes anúncios na imprensa contra a exposição. Ambas as exposições contribuíram para reforçar a afirmação básica da participação da *Wehrmacht* na guerra de extermínio contra a União Soviética e no extermínio dos judeus. A exposição contribuiu decisivamente para deixar claro que não só as *SS* participaram na guerra de extermínio, mas também a *Wehrmacht*, ao contrário do que se procurou divulgar na ex-RFA. (NT)

culpa perante pessoas indefesas. Mas isto não é tudo. Cobriram a Europa com forcas e campos de concentração. Introduziram o infame “sistema de refém”. Executam e enforcam cidadãos inocentes capturados como “caução”, porque alguém impediu um animal alemão de violar mulheres ou saquear cidadãos pacíficos. Transformaram a Europa numa prisão dos povos. E a isto chamam a “nova ordem europeia”. Conhecemos os culpados destas maldades, os patrocinadores da “Nova Ordem Europeia”, todos estes recém-cozinhados governadores-gerais, simples governadores, comandantes e subcomandantes. Dezenas de milhares de pessoas torturadas conhecem os seus nomes. Estes carrascos devem consciencializar-se de que não fugirão à responsabilidade pelos seus crimes e não escaparão à mão punitiva dos povos torturados.»¹²

Deve aqui sublinhar-se que Stáline em nenhum momento, nem mesmo nas horas mais difíceis e ameaçadoras para a União Soviética, colocou em pé de igualdade os bárbaros de Hitler com o povo alemão. Sublinhou sempre esta diferença. Ele via na destruição do regime fascista também a libertação do povo alemão. Isto deve registar-se.

¹² SW 14/291 e seg.